



DOS COMPROMISSOS DA PESQUISA GEOGRÁFICA: PRINCÍPIOS, MÉTODOS E PRÁTICAS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

■ PAULO CESAR DA COSTA GOMES

Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: pccgomes@yahoo.com.br



RESUMO: O artigo propõe um sistema de cinco compromissos essenciais que sustentam a construção do conhecimento: originalidade, relevância, respeito aos dados; rigor metodológico; geograficidade. O texto utiliza exemplos concretos de teses e trabalhos ancorado nas experiências do Grupo de Pesquisa Território e Cidadania (UFRJ) para ilustrar a aplicação prática desses princípios, que funcionam como salvaguardas contra o dogmatismo e a submissão ideológica. O autor conclui que a efetivação desses princípios não é um ato isolado, mas depende de um ecossistema intelectual coletivo.

Palavras chaves: pesquisa em geografia; metodologia; geograficidade.

On the Commitments of Geographical Research: Principles, Methods, and Practices in the Construction of Knowledge

ABSTRACT: The article proposes a system of five essential commitments that support the construction of knowledge: originality, relevance, respect for data, methodological rigor, and geographicity. The text uses concrete examples from theses and papers, anchored in the experiences of the Territory and Citizenship Research Group (UFRJ), to illustrate the practical application of these principles, which function as safeguards against dogmatism and ideological submission. The author concludes that implementing these principles is not an isolated act but depends on a collective intellectual ecosystem.

KEY-WORDS: geographical research; methodology; geographicity.

De los compromisos de la investigación geográfica: principios, métodos y prácticas en la construcción del conocimiento

RESUMEN: El artículo propone un sistema de cinco compromisos esenciales que sustentan la construcción del conocimiento: originalidad, relevancia, respeto por los datos, rigor metodológico y geograficidad. El texto utiliza ejemplos concretos de tesis y trabajos, anclado en las experiencias del Grupo de Investigación Territorio y Ciudadanía (UFRJ), para ilustrar la aplicación práctica de estos principios, que funcionan como salvaguardas contra el dogmatismo y la sumisión ideológica. El autor concluye que la implementación de estos principios no es un acto aislado, sino que depende de un ecosistema intelectual colectivo.

PALABRAS-CLAVE: investigación geográfica; metodología; geograficidad.

O DESENHO DA PESQUISA E SEUS FUNDAMENTOS

A pesquisa acadêmica, por essência, consiste em uma busca sistemática e deliberada pelo conhecimento. Longe de ser um ato fortuito ou uma jornada por trilhas predefinidas, a investigação científica é uma prática rigorosa, orientada por um conjunto de compromissos, que não são apenas recomendações genéricas, mas os pilares que sustentam a sua validade e contribuição. A reflexão aqui apresentada explorará o desenho desta prática ao dissecar cinco compromissos essenciais que orientam a produção do conhecimento geográfico: a originalidade, a relevância, o respeito aos dados, o rigor metodológico e a geograficidade. Esses princípios, em conjunto, formam a base sobre a qual se erige todo conhecimento científico em geografia.

É imperativo, desde o início, enquadrar tais compromissos em oposição àqueles que talvez sejam os principais obstáculos à pesquisa: o dogmatismo, as certezas inabaláveis, os julgamentos normativos e, de forma mais insidiosa, a submissão ideológica ou a adesão a priori ao programa determinado por tirânicas correntes de pensamento. Esses obstáculos, verdadeiras prisões lógicas, antecipam a interpretação e o sentido da pesquisa, agem mesmo como vínculos aprisionantes que cerceiam a liberdade de pensamento e impedem a descoberta genuína. Os cinco compromissos,

portanto, não são meramente um guia procedimental; eles funcionam como salvaguardas ativas contra a estagnação intelectual, a reprodução de dogmas e a capitulação do juízo crítico. Eles garantem que a pesquisa seja uma atividade de perseguição de objetivos — isto é, questões dirigidas a um objeto — e não a mera confirmação de crenças preexistentes.

Esta reflexão está ancorada na prática concreta de experiências intelectuais vividas no Grupo de Pesquisa Território e Cidadania, sediado no Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Esse grupo consolidou, ao longo de praticamente três décadas, um ambiente fértil para o desenvolvimento de pesquisas inovadoras. Os exemplos analisados ao longo deste texto não são casos isolados; são produtos diretos de um ecossistema intelectual, onde pesquisadores de diversos níveis, da graduação ao pós-doutorado, colaboram mutuamente. Desse modo, o próprio grupo é um exemplo de como tais compromissos fundamentais são cultivados, debatidos e, mais importante, postos em prática.

Cada parte subsequente descreverá um dos compromissos — ou um par deles, quando intrinsecamente conectados — e ilustrará sua aplicação com trabalhos de pesquisa desenvolvidos ou discutidos no âmbito do Território e Cidadania. Ao final, o objetivo é oferecer não uma cartilha sobre os princípios da boa pesquisa, mas um testemunho de como esses princípios ganham vida no fazer científico cotidiano e transformam a pesquisa de uma mera atividade sistematizada em uma verdadeira aventura intelectual coletiva.

A DUPLA HÉLICE DA INOVAÇÃO: ORIGINALIDADE E RELEVÂNCIA

No cerne do empreendimento científico residem dois imperativos que, embora distintos, são funcionalmente inseparáveis: a originalidade e a relevância. Frequentemente considerados de modo isolado, esses compromissos operam, na prática, como uma dupla hélice, onde um dá forma e propósito ao outro. A pesquisa acadêmica, por definição, visa à produção do conhecimento, distinguindo-se da divulgação, do ensino e da prática de conhecimentos já estabelecidos. Um dos compromissos, a originalidade, manifesta-se na busca pelo ineditismo, no trabalho de questões e dúvidas que ainda não foram respondidas — ou não satisfatoriamente, pelo menos. Contudo, a originalidade em si, desacompanhada de seu par, corre o risco de se tornar puro exercício de excentricidade, de novidade estéril. É aqui que a relevância entra em cena e confere significado e valor à inovação.

A relevância é a medida do impacto sobre o que se sabe em determinado campo, a capacidade de uma pesquisa de propor uma nova forma de entender um fenômeno ou de adicionar sentido a um debate então consolidado. Uma pesquisa relevante justifica o esforço da revisitação de temas aparentemente esgotados, pois se recusa a ser apenas mais um caso dentro de uma infinita série possível de casos ou a limitar-se a comentar aquilo que já está assentado, sem nenhuma adição de sentido.

A sinergia entre esses compromissos é o que faz avançar o conhecimento. A originalidade possibilita a abertura de novas frentes de investigação, e a relevância garante que essas frentes se conectem ao corpo de conhecimento existente, seja para expandi-lo, desafiá-lo ou reconfigurá-lo. Uma pesquisa impactante consegue ser, simultaneamente, inédita na abordagem e significativa em suas implicações.

Tal foi o caso do trabalho de um pesquisador que se interessou pela geografia da educação e é ilustrativo dessa interdependência. O campo dos estudos da educação tradicionalmente reúne análises de métodos, conteúdos e instrumentos, tais como currículos, programas de ensino, livros, conteúdo programático, seriação dos temas. Uma pesquisa hipotética que se limitasse a analisar uma reforma curricular ou um livro didático recém-lançado poderia, talvez, reivindicar alguma novidade, mas dificilmente escaparia da armadilha de ser mais um caso em meio a outros tantos de uma longa série. A originalidade dessa pesquisa, que resultou em uma tese (Gomes, 2023), reside precisamente em sua capacidade de deslocar o interesse analítico para uma dimensão comumente ignorada nas pesquisas em educação: a espacial. A reflexão parte de uma questão fundamental e surpreendente: como o ensino, para além dos instrumentos pedagógicos, se constitui também em um espaço, o da escola, como se apresenta espacialmente?

Essa interrogação abre um campo de investigação quase inteiramente novo. A unidade mais elementar do ensino formal, o evento-aula, deixa de ser concebida como um processo abstrato e passa a ser analisada em sua concretude espacial: como a aula está organizada em um espaço? Que espaços são percorridos, onde as atividades são previstas e realizadas, que percursos são feitos, que jogos de posições são criados pelos arranjos espaciais dos atores pedagógicos? A originalidade do caso, aqui, não decorre da descoberta de um objeto exótico, mas da simples aplicação do olhar geográfico a um objeto do cotidiano, revelando sua complexidade oculta. A questão — “Por que os geógrafos não interrogaram o evento-aula desse modo até então?” — é, em si, um ato de originalidade, pois identifica um ponto cego, uma lacuna no conhecimento disciplinar.

A relevância dessa abordagem, por sua vez, é multifacetada. Primeiramente, ela tem o potencial de reconfigurar a compreensão do próprio processo pedagógico, uma vez que demonstra o fato de a organização espacial não ser apenas um pano de fundo neutro, mas um elemento ativo, que molda interações, hierarquias e a própria transmissão do conhecimento. A disposição das carteiras, a posição do professor, a circulação dos alunos — todos esses elementos espaciais são carregados de significado e poder. Em segundo lugar, a pesquisa ganha relevância por se vincular a uma linhagem intelectual importante, ainda que adormecida, dentro da própria geografia. Figuras fundadoras, tais como Immanuel Kant, Karl Ritter, Paul Vidal de La Blache, Élisée Reclus e Patrick Geddes, por exemplo, se preocuparam com essa geografia do ensino, ao mesmo tempo em que estavam refletindo sobre a natureza da geografia. A discussão, portanto, revitaliza um veio histórico da disciplina ao evidenciar que a questão, embora esquecida, é central para o pensamento geográfico. O sentimento de estranheza expresso na constatação de que essa questão nos tenha passado despercebida sublinha o valor da pesquisa: sua capacidade de nos fazer ver o familiar de uma forma nova e de questionar as premissas não examinadas do nosso próprio campo. Assim, a tese cumpre a dupla hélice da inovação: é original ao iluminar um ponto cego e é relevante ao demonstrar que sua elucidação tem implicações tanto para a teoria educacional quanto para a identidade da geografia.

O DIÁLOGO COM O EMPÍRICO: O RESPEITO AOS DADOS COMO MATRIZ GERADORA DE QUESTÕES

O terceiro compromisso, o respeito aos dados, define a natureza da relação do pesquisador com a empiria. Em uma visão instrumental e, em última análise,

empobrecedora da ciência, os dados são relegados a um papel subalterno: servem para ilustrar ideias, a matéria-prima a ser moldada para confirmar hipóteses ou teorias preexistentes. Esse procedimento, no entanto, compromete o verdadeiro sentido de uma descoberta. Respeitar o estatuto do empírico corresponde inverter radicalmente essa hierarquia: o mundo empírico não é servo de teoria alguma, senão um formulador, um terreno que possibilita o surgimento das questões. Respeitar os dados significa conceder-lhes a capacidade de nos surpreender, de desafiar nossas certezas e de nos forçar a pensar de maneiras novas e imprevistas.

Essa postura exige do pesquisador uma atitude de abertura radical, uma disposição para observar, ouvir, ver, e evitar os preconceitos para dar chance à compreensão de outras lógicas. Trata-se de um exercício de humildade intelectual, um reconhecimento de que as categorias que trazemos para o campo das observações podem ser insuficientes ou inadequadas para capturar a complexidade das coisas. Em vez de impor um quadro interpretativo ao mundo, o pesquisador se engaja em um diálogo com ele, permite que as questões de pesquisa surjam da própria imersão nos dados, sejam eles documentos de arquivo, entrevistas, observações de campo ou, como veremos, massas volumosas de informação digital. Essa abordagem dialógica é o mais potente antídoto contra o dogmatismo e as prisões lógicas que antecipam a interpretação, pois mantém o processo de conhecimento permanentemente aberto à revisão e à refutação pela evidência.

A pesquisa sobre a produção do espaço pelo parcelamento do solo na Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro, é uma demonstração eloquente deste compromisso em ação. O objetivo era compreender a lógica de ocupação das áreas costeiras sob a égide da balnearização, um processo complexo de transformação do espaço litorâneo. Uma abordagem convencional teria partido de uma teoria geral sobre urbanização turística

ou especulação imobiliária para, em seguida, buscar em Paquetá exemplos que a confirmassem. O caminho escolhido, no entanto, foi outro, o extremo oposto. A pesquisa iniciou-se com um trabalho laborioso e meticuloso de reconstituição do tecido do solo, um mergulho profundo no arquivo empírico.

Os pesquisadores se dedicaram a coletar, organizar e analisar o histórico dos projetos de arruamento e de loteamento, que se tornaram obrigatórios por lei no então Distrito Federal a partir de 1931, bem como as plantas dos lotes. Cada um desses documentos históricos foi tratado não como uma mera ilustração, mas como um sistema de informação geográfica em si. O respeito aos dados manifestou-se na decisão de não simplificar ou extrair seletivamente informações, mas de preservar a integridade e a riqueza de cada documento. A união desses sistemas de informação individuais, feito com técnicas e instrumentos de geoprocessamento, permitiu a criação de um Sistema de Informação Geográfica (SIG) unificado, capaz de revelar a dinâmica espacial e temporal do parcelamento do solo urbano da referida ilha.

Foi somente a partir de uma construção empírica robusta que a análise pôde avançar. O SIG permitiu visualizar o ritmo e a natureza do parcelamento do solo, observando processos de desmembramento e remembramento de lotes ao longo do tempo e em diferentes quadras da ilha. As hipóteses não precederam a análise dos dados; elas advêm dela. A possibilidade de formular hipóteses de correlação entre a situação nas quadras e as eventuais diferenças no processo só se apresentou e se tornou viável porque estava amparada por rigorosa e criteriosa análise dos dados. Nesse caso, o empírico não foi um espelho para refletir teorias pré-concebidas, mas uma matriz geradora de novas perguntas e linhas de investigação. A lógica da ocupação não foi imposta ao caso de Paquetá, mas descoberta a partir da escuta atenta e sistemática do que os próprios documentos, quando organizados espacial e temporalmente, tinham a

dizer. Esse processo exemplifica a reconfiguração da relação entre o pesquisador e os dados: de uma relação sujeito-objeto, em que o pesquisador atua sobre dados passivos, para uma relação dialógica, na qual os dados adquirem agência, são capazes de falar, de revelar padrões e de guiar o caminho da investigação.

O CAMINHO E SUAS JUSTIFICATIVAS: RIGOR METODOLÓGICO NA PESQUISA GEOGRÁFICA

O quarto compromisso, o rigor metodológico, constitui a espinha dorsal da credibilidade acadêmica. A etimologia da palavra “método”, do grego *meta* (além, através) e *hodos* (caminho), sugere que a pesquisa é uma jornada, um percurso estruturado para se chegar a um destino. Na academia moderna, mais especificamente após as contribuições de Kant à teoria do conhecimento, o julgamento da qualidade de uma pesquisa é procedural. Mais do que a concordância com suas conclusões, o que se avalia é a justeza dos procedimentos empregados, ou seja, como as questões foram construídas e tratadas, com quais ferramentas e operações. A pesquisa é, inevitavelmente, um domínio arbitrário, feito de escolhas e mediado por muitas possibilidades, desde os recortes temporais, espaciais e temáticos até as técnicas de coleta e análise de informações. O rigor metodológico não reside na eliminação dessa arbitrariedade — o que seria impossível —, mas na capacidade de explicitá-la e justificá-la logicamente. As justificativas das escolhas cimentam essa construção, tornam o processo transparente, replicável e, portanto, passível de crítica e validação pela comunidade científica.

Esse compromisso se manifesta de formas diversas, adaptando-se à natureza da questão de pesquisa e aos tipos de dados disponíveis. A análise de dois exemplos

distintos — um que revisita uma prática tradicional da geografia e outro que explora uma fronteira tecnológica — revela que o rigor não está atrelado a um método específico, mas à clareza e justificação procedimental.

Desconstruir a descrição: análise aplicada à obra de Alberto Lamago

Um dos procedimentos mais tradicionais da Geografia, a descrição, ao longo do tempo, ganhou ares de pejorativa, sendo frequentemente associada a um empirismo ingênuo e a uma fase pré-científica da disciplina. Há poucos anos, um pesquisador analisou trechos de descrições do geógrafo Alberto Lamago em sua clássica série sobre o homem e os meios fluminenses (Serra, Brejo, Restinga, Guanabara). O objetivo central desse trabalho foi o de resgatar a descrição como um objeto de análise na pesquisa geográfica e demonstrou como o rigor metodológico pode ser aplicado para desvendar a complexidade de práticas aparentemente simples.

Em vez de aceitar as descrições de Lamago como retratos ingênuos da realidade, Castro (2022) investigou como Lamago procedia para descrever os lugares. Para isso, aplicou um conjunto de ferramentas de análise textual e decompôs a prosa de Lamago em seus componentes fundamentais. Não foi um ato de leitura impressionista, mas uma dissecação sistemática da arquitetura linguística do texto. Para isso, construiu uma matriz analítica que lhe permitiu identificar e classificar padrões recorrentes, transformando o texto descritivo em um conjunto de dados analisáveis (Tabela 1).

O seu método era uma análise multifacetada. Ele observou diferenças nos tipos e tempos verbais para diferentes temas; daí, notou o uso de verbos de movimento para alguns casos específicos e verbos de ligação para outros. Analisou as classes de adjetivos e a presença de estruturas antitéticas frasais ao utilizar ferramentas sintáticas,

morfológicas e semânticas. O resultado dessa abordagem foi a criação de quadros que sintetizam os procedimentos utilizados por Lamego, permitindo uma discussão aprofundada sobre a forma de construção descritiva. Castro (2022) pôde, assim, argumentar que a transmissão de sensações e dramaticidade nas obras de Lamego não era puro efeito estilístico, mas o resultado, talvez não proposital, de escolhas linguísticas específicas e recorrentes. A tabela 1, construída a partir do método, sintetiza essa abordagem e ilustra como a leitura analítica sistematizada pode transformar a apreciação de um texto em um exame objetivo.

Tabela 1 - Matriz analítica dos procedimentos descritivos de Alberto Lamego.

Componente da análise	Descrição do procedimento	Exemplo de aplicação	Efeito interpretado
Análise verbal	Distinção entre classes de verbos (movimento, ligação) e tempos verbais para diferentes temas.	Uso de verbos de movimento no pretérito imperfeito para descrever as dinâmicas humanas na serra; uso de verbos de ligação no presente para descrever a paisagem estática do brejo.	Transmissão de sensações de continuidade e ação (homem) <i>versus</i> permanência e imutabilidade (terra).
Análise sintática	Identificação de estruturas frasais recorrentes, como as antitéticas.	Emprego de frases como “a serra que oprime, o vale que acolhe” para construir a narrativa da relação homem-meio na obra de Lamego.	Criação de “dramaticidade” e tensão, enquadrando a geografia como um palco de conflito e complementariedade.
Análise morfossemântica	Classificação de adjetivos e análise de campos semânticos.	Seleção de adjetivos de aspereza e perigo para a Serra, e adjetivos de fertilidade e tranquilidade para o Brejo ou a Restinga.	Construção de uma atmosfera específica e de um juízo de valor implícito sobre os lugares descritos, guiando a percepção do leitor.

Fonte: Castro (2022).

Esse exemplo demonstra que o rigor metodológico não está restrito aos métodos quantitativos. Ao tornar seu procedimento explícito e sistemático, Castro (2022) elevou a análise de textos geográficos clássicos a um novo patamar de objetividade, mostrando que mesmo a dramaticidade pode ser objeto de investigação rigorosa.

3.2 Navegar o dilúvio digital: rigor e originalidade no uso de VGI e big data

Se o trabalho de Castro (2022) ilustra o rigor na análise de fontes tradicionais, uma tese em curso sobre vitalidade urbana, de Patrícia Luana Costa Araújo, projeta a questão do rigor metodológico para a fronteira contemporânea da pesquisa social. A originalidade dessa pesquisa reside no uso de novas ferramentas que permitem a aferição de informações a partir da localização das pessoas em determinados espaços da cidade. Especificamente, a tese emprega a *Volunteered Geographic Information* (VGI), isto é, dados gerados por usuários de aplicativos, tais como o aplicativo *Waze*.¹ Os aparelhos conectados às redes de geolocalização funcionam como poderosos sensores, indicando presença, movimento e ritmo nesses lugares.

A utilização de fontes de *Big Data* apresenta desafios metodológicos formidáveis, que exigem um novo tipo de abordagem. A pesquisa enfrenta o que se convencionou chamar de os cinco “V’s” do *Big Data*:

- **Volume:** diz respeito à quantidade de dados gerada, que é massiva e demanda capacidades computacionais e analíticas robustas.
- **Velocidade:** os dados são produzidos em tempo real, em um fluxo contínuo que

¹ Araújo *et al.* (2024).

desafia os métodos tradicionais de coleta e processamento.

- **Variedade:** os dados não são estruturados, ou seja, não são tabulados segundo critérios em uma lista. Eles vêm em formato bruto e exigem trabalho de organização.
- **Verificabilidade:** a precisão e a representatividade dos dados são questões críticas. A informação não é individualizada, mas apresentada em gradientes de variação de grupos de aparelhos. Deixa dúvida sobre quem está representado nesses dados.
- **Valor:** talvez o maior desafio seja extrair valor dessa massa de informações. O interesse da pesquisa deve guiar a seleção e classificação dos dados, transformando o ruído em um sinal significativo que possa responder a uma questão de pesquisa.

O rigor metodológico, nesse contexto, manifesta-se na forma como a pesquisa é estruturada para enfrentar desafios. A solução encontrada foi a criação de uma ponte colaborativa, um núcleo de cooperação de dois grupos de pesquisa da UFRJ. De um lado, o *Grupo de Pesquisa Território e Cidadania*, com sua consolidada experiência na análise de casos qualitativos de processos socioculturais no espaço. Do outro, o *Laboratório ESPAÇO de Sensoriamento Remoto e Estudos Ambientais*, formado por pesquisadores experientes nas áreas de geoinformação, geoprocessamento, sensoriamento remoto e cartografia digital. Esse projeto de cooperação, apoiado pelo CNPq (Edital Universal de 2023) - Ritmos Urbanos: uma contribuição para a formulação de políticas públicas - é a própria encarnação da necessária colaboração para a definição de novos rumos metodológicos em um contexto de alta complexidade de dados. É o reconhecimento de que nenhuma abordagem isolada seria suficiente. A

expertise em *geoinformação* é necessária para lidar com o volume, a velocidade e a variedade dos dados, enquanto a expertise em análise qualitativa e teoria social é crucial para garantir a verificabilidade (compreendendo os vieses dos dados) e extrair valor (formulando as perguntas certas e interpretando os padrões encontrados).

A justaposição desses dois casos — a análise textual de Castro (2022) e a análise de *Big Data* de Costa — revela uma compreensão sofisticada do significado de uma discussão metodológica. O rigor não é a adesão cega a um único paradigma metodológico, seja ele qualitativo ou quantitativo. Pelo contrário, é a capacidade de conceber, adaptar e, acima de tudo, justificar os procedimentos mais adequados para responder a uma determinada questão de pesquisa, utilizando os dados disponíveis, sejam eles um texto do século XX ou um fluxo de dados digitais do século XXI. O rigor reside na transparência e na adequação do caminho escolhido.

A ASSINATURA DISCIPLINAR: A GEOGRAFICIDADE NO EIXO DA ANÁLISE

O último compromisso, a geofricidade, confere identidade disciplinar à pesquisa. Enquanto os demais compromissos — originalidade, relevância, respeito aos dados e rigor metodológico — são, em grande medida, gerais e concernem a toda prática científica, a geofricidade é o que ancora a investigação no campo específico da geografia. Uma pesquisa pode versar sobre os mais variados temas, da literatura à educação, da saúde pública à economia, mas para ser considerada uma pesquisa em geografia, ela deve demonstrar como a ordem espacial colabora para o entendimento do fenômeno em questão. A espacialidade não pode ser um mero pano de fundo ou um

contexto incidental; ela deve ser uma dimensão analiticamente central, uma variável explicativa.

Esse compromisso está enraizado no que se pode chamar de raciocínio geográfico, um modo de pensar que opera a partir de uma trama locacional, e inclui a localização, a posição e a situação entre as suas noções fundamentais (Gomes, 2017). A geograficidade exige que a perspectiva espacial esteja presente desde o momento da formulação das questões. Afinal, os campos do conhecimento se diferenciam não pelos objetos que estudam, mas pelas questões que dirigem a esses objetos. Um sociólogo, um economista e um geógrafo podem estudar um mesmo mercado urbano, mas a identidade de suas pesquisas será garantida pelas questões que cada um formula. A questão do geógrafo será, invariavelmente, informada por uma preocupação com o papel da espacialidade.

Os exemplos já discutidos servem para ilustrar a geograficidade em ação. A tese sobre vitalidade urbana de Patrícia Costa Araújo é paradigmática. O próprio conceito de vitalidade é definido e mensurado de modo intrinsecamente espacial. A pesquisa busca aferir informações a partir da localização das pessoas na cidade, analisando dados de presença, movimento e ritmo. A questão central — como a vitalidade urbana se manifesta e varia no espaço-tempo? — só pode ser respondida por meio de métodos geográficos, como a análise de dados geolocalizados e a cartografia digital. A espacialidade não é um contexto; é o próprio objeto da medição e da análise.

Da mesma forma, a geograficidade do estudo sobre o parcelamento do solo em Paquetá é flagrante. Os pesquisadores não se contentam em narrar a urbanização da ilha. A contribuição geográfica, por exemplo, reside na formulação de hipóteses de correlação entre a situação nas quadras e as eventuais diferenças no processo. A situação — noção geográfica que se refere à posição relativa de um lugar em relação a

outros — é mobilizada como uma variável-chave para explicar por que o parcelamento do solo ocorreu é diferente em cada parte da ilha. Novamente, a ordem espacial é convocada para colaborar ativamente no entendimento do processo social.

Além dos exemplos perfilados até aqui, o trabalho desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Território e Cidadania revela a existência de um arcabouço teórico-metodológico para operacionalizar a geograficidade: o conceito de cenário. Desenvolvido e aprimorado desde 2004, o cenário é uma estratégia de reconexão analítica entre as formas físicas, os comportamentos e os significados para a análise dos espaços públicos. Esse conceito é a ferramenta teórica que permite ao grupo evitar a armadilha de tratar o espaço como um mero coletor das ações sociais. Em um cenário, a forma física (a praça, a rua, o edifício), as práticas e comportamentos sociais que ali ocorrem (o lazer, o protesto, o trabalho) e os sistemas de significado, valores e símbolos atribuídos àquele lugar são coproduzidos e mutuamente constitutivos.

A aplicação consistente desse conceito explica aquilo que poderia ser visto como uma simples variedade temática das publicações e pesquisas associadas ao grupo, que abordam desde a interação social e a dimensão política dos espaços públicos até a espacialidade da prostituição e as práticas cartográficas (Iorio; Góis, 2020; Araújo, 2025). Percebe-se que a diversidade temática é unificada por uma compreensão do papel da espacialidade nas dinâmicas socioculturais. O conceito de cenário funciona como a lente analítica compartilhada, a assinatura que garante a geograficidade de cada investigação, independentemente do tema específico. Ele assegura que a análise nunca separe a dimensão material do espaço de suas dimensões social e simbólica, cumprindo assim o mais profundo desígnio da pesquisa geográfica: revelar como somos moldados pelos espaços que criamos e como, por nossa vez, os moldamos. A geograficidade, portanto, transcende o simples estudo de objetos geográficos; ela é a aplicação de uma

perspectiva analítica unificada, uma forma de interrogar o mundo que coloca a espacialidade em seu centro.

A PESQUISA É UMA AVENTURA INTELECTUAL COLETIVA

Ao longo deste texto, foram dissecados cinco compromissos que alicerçam a pesquisa acadêmica: originalidade, relevância, respeito aos dados, rigor metodológico e geograficidade. A reflexão demonstrou que eles não são isolados, mas componentes de um sistema interconectado e que define uma verdadeira ética da produção de conhecimento. A dupla hélice da originalidade e da relevância estabelece o propósito de uma pesquisa: gerar um conhecimento que seja, ao mesmo tempo, novo e significativo. O respeito aos dados define a postura do pesquisador: uma abertura dialógica ao mundo empírico, permitindo que ele desafie crenças predefinidas e reformule a investigação. O rigor metodológico estabelece o caminho: um percurso transparente e justificável, cujos procedimentos são adequados à questão e aos dados disponíveis. Por fim, a geograficidade, em nosso caso, define a perspectiva: uma lente analítica que interroga o papel fundamental da ordem espacial na compreensão dos fenômenos. Juntos, tais compromissos formam a salvaguarda contra o dogmatismo e a irrelevância, garantindo que a pesquisa seja a força do avanço intelectual.

Contudo, a adesão aos princípios não é um ato que ocorre no vácuo. Ela é nutrida, desafiada e sustentada por ambientes sociais e institucionais favoráveis. A análise dos trabalhos de pesquisa aqui apresentados apontou para o papel crucial desempenhado pelos coletivos no qual foram gestados. O Grupo de Pesquisa Território e Cidadania, da UFRJ, não é apenas um laboratório ou um agregado de pesquisadores, mas algo mais: uma espécie de instituto de pesquisa. É nesse espaço de colaboração e

integração que tantos trabalhos são discutidos, criticados, debatidos e submetidos ao escrutínio dos pares antes mesmo de serem apresentados à comunidade acadêmica geral. É a existência desse coletivo que possibilita que os compromissos, de ideais abstratos, sejam convertidos em práticas vividas.

A estrutura do grupo, que integra professores/pesquisadores e estudantes de diversos níveis, da graduação ao pós-doutorado, é fundamental para a longevidade desse projeto intelectual. Ela cria um ambiente de mentoria e aprendizado contínuo, onde a ética da pesquisa é transmitida não por manuais, mas pela participação ativa no fazer científico. Os resultados numerosos e a continuidade do grupo por quase três décadas são o testemunho mais eloquente do sucesso desse modelo. Ele demonstra que a produção de conhecimento de alta qualidade, que honra os cinco compromissos, floresce na interação, no debate e na crítica construtiva.

Em última análise, a jornada da pesquisa, com seus desafios metodológicos, suas surpresas empíricas e descobertas teóricas, se revela não apenas um esforço solitário de personalidades individuais, mas uma “aventura” coletiva. A vitalidade de um campo do conhecimento depende da existência de ecossistemas intelectuais como o do Território e Cidadania, que funcionam como crisóis para a formação de novas gerações de pesquisadores e para a produção de um conhecimento que seja, ao mesmo tempo, original, relevante, empiricamente fundamentado, metodologicamente rigoroso e disciplinarmente coerente. Os cinco compromissos, portanto, não são apenas um código de conduta individual, mas o pacto que une pessoas e grupos em uma busca compartilhada pela compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Patrícia Costa. A lógica de distribuição espacial dos espaços prostitucionais em espaços públicos. *Revista Tamoios*, v. 21, n. 1, p. 168-182, 2025.

ARAÚJO, Patrícia Costa; AMARAL, Felipe; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CRUZ, Carla Madureira. Ritmos urbanos: como tempo e espaço estruturam a vida nas cidades. *Ciência Hoje*, junho, 2024, s/p.

CASTRO, Bernardo José Alvarez de. A evocação dos lugares nas descrições geográficas. *Terra Brasilis, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 18, 2022, s/p.

GOMES, Marcus Vinícius Silva. *Geografias da Educação: percursos, métodos e possibilidades*. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço e cultura. Pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 187-210.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Quadros geográficos. Uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

IORIO, Leonardo; GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. O Baixo Leblon como um cenário da noite carioca (1976-1979). *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 2, n. 2, p. 115-141, 2020.

PARENTE-RIBERIO, Leticia; GOMES, Rafael. Um quebra-cabeça por resolver: um ponto de vista da balnearização do Rio de Janeiro (Ilha de Paquetá, 1930-1970). In: *Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia*, XV, 2023, Palmas.